

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

## UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA DOS FENÔMENOS LINGÜÍSTICOS: POR UMA LINGÜÍSTICA DINÂMICA

Milenne Biasotto-Holmo  
Unesp - Brasil

[milennebiasotto@yahoo.com.br](mailto:milennebiasotto@yahoo.com.br)

ÁREA TEMÁTICA: *Teorías del lenguaje*

### Resumen

A linguagem, fundamentalmente ambígua e indeterminada, e a língua, como sistema linguístico dependente de seu utilizador, não podem reduzir-se a análises estáticas, em que se considera apenas o produto linguístico gerado e não o processo de geração dos enunciados. Carecem, portanto, de uma análise dinâmica, que busque desvelar como é possível gerar enunciados diversos por meio de operações linguísticas. Esse modo de análise focaliza as relações que permeiam os enunciados e seus elementos e também a relação estabelecida entre os enunciadorees no contexto de enunciação. Trata-se de uma perspectiva enunciativa dos fenômenos linguísticos, que parte da articulação entre a linguagem (invariância), entendida como processo, e as línguas naturais (variância), tomadas como produto linguístico. Nesse enfoque, pode-se vislumbrar os mecanismos gerais de construção da significação, entre eles, as categorias gramaticais de determinação, aspecto, modalidade e diátese, que sustentam a construção de valores referenciais associáveis às marcas linguísticas.

As ideias acima estão inseridas no programa desenvolvido pelo linguista francês Antoine Culioli: a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Com base em seus preceitos teórico-metodológicos, o presente trabalho busca mostrar como as marcas linguísticas, traços de operações mentais não acessíveis diretamente pelo linguista, operam na língua, formando enunciados.

Para vislumbrar como a teoria adotada dinamiza a concepção dos fenômenos linguísticos, permitindo reconstruir o processo de construção da significação, as operações envolvidas na produção de um enunciado, optou-se por analisar, em específico, uma marca linguística da língua portuguesa: *mesmo*. Defende-se que toda marca linguística traz, subjacente aos seus empregos, mecanismos de invariância, isto é, regularidades que sustentam a generalidade de seu funcionamento.

Cabe ressaltar que a análise de uma marca específica é apenas uma opção metodológica, pois se sabe que os valores resultantes nos enunciados são construídos na e pela interação entre as diferentes marcas linguísticas, que trazem, cada uma, suas próprias operações elementares.

**Palabras clave:** Teorías del Lenguaje – Perspectiva enunciativa – Lingüística dinámica – Lenguaje - Lenguas

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

O presente trabalho apresenta algumas reflexões desenvolvidas em nossa tese de doutorado, intitulada “Para uma gramática da produção: análise da marca *mesmo* sob a ótica da teoria das operações enunciativas e predicativas”. Este trabalho de pesquisa insere-se no programa desenvolvido pelo linguista francês Antoine Culioli: a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Os preceitos teórico-metodológicos formulados por esse linguista possibilitam-nos analisar os fenômenos linguísticos de maneira dinâmica, isto é, permitem-nos reconstruir o processo de construção da significação, observando as operações envolvidas na produção dos enunciados.

Refletir acerca dos elementos linguísticos utilizados pelos falantes de uma determinada língua na representação de ideias não é apenas descrever metalinguisticamente fatos de língua, mas entender seu funcionamento, isto é, observar como é possível gerar enunciados diversos por meio de operações linguísticas. É estudar os processos que possibilitaram o aparecimento de um enunciado e as relações estabelecidas entre seus elementos constituintes, e não só o produto gerado, o que significa passar de uma linguística de estados a uma linguística de operações.

No estudo que ora propomos, consideramos os mecanismos geradores da significação, partindo da articulação entre a linguagem (invariância), entendida como processo, e as línguas naturais (variância), tomadas como produto linguístico.

Nesse sentido, acreditamos na necessidade de se analisar o produto linguístico não de modo superficial, mas buscando a gênese dos enunciados, os mecanismos gerais de construção da significação, o que remete a construção de uma *gramática da produção* ou *gramática operatória*, que leve em conta não só a manifestação linguística, mas também a linguagem, em detrimento de uma gramática do produto linguístico.

As abordagens que descrevem estados de língua em termos de categorizações não podem ser ignoradas. No entanto, devemos admitir suas deficiências: ao atribuírem rótulos às marcas linguísticas, de modo que elas sejam relacionadas a categorias, o foco de suas análises recai sobre as categorias e não sobre as marcas analisadas, e assim, não se explica como e porque determinada marca pertence a uma

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

categoría e não a outra, ou ainda a extrema mobilidade com que ela se desloca de uma categoria para outra e as causas dessa variação.

Acreditamos que subjacentes aos vários usos de uma mesma marca existem propriedades abstratas invariantes que ligam esses diferentes usos, e essas propriedades podem ser descritas partindo-se de um estudo que mostre como as marcas operam na linguagem. Assim sendo, defendemos a existência de operações abstratas da linguagem que sustentam a interdependência de valores e a variação dos sentidos dos enunciados e pensamos que os diferentes comportamentos de uma marca devem ser apreendidos na sua interdependência com os valores construídos pelas diferentes categorias gramaticais<sup>1</sup> (a determinação, a modalidade, o aspecto e a diátese) que concorrem para a construção do significado dos enunciados.

Para demonstrarmos as questões acima apresentadas, escolhemos uma marca como objeto de nossas análises: *mesmo*. Tal escolha originou-se da leitura de dois artigos elaborados por Antoine Culioli (1990)<sup>2</sup> a respeito da marca *bien* em francês, que em muitos contextos, pode ser traduzida por *mesmo*. Em português, assim como em francês, essa marca transita em diversas categorias e adquire diversas funções.

Na mesma linha de Rezende (2006, p.21), acreditamos que o valor gramatical atribuído a uma expressão linguística não é estável e não se encaixa em uma classificação, mas resulta de uma articulação entre um mecanismo invariante e as experiências diversificadas dos sujeitos. Desse modo, uma expressão linguística (seja ela lexical, gramatical ou discursiva) não traz em si um conteúdo inerente, mas é de natureza variável, maleável, e se define pela função que adquire nas interações das quais participa, isto é, só adquire valores quando contextualizada, quando em funcionamento.

Assim, o estudo de uma língua deve se dar em uma perspectiva dinâmica, na qual se considera o processo de construção das categorias, isto é, a existência de *noções*, que por meio de *relações* e *operações* poderão dar origem tanto ao léxico

---

<sup>1</sup> As categorias gramaticais são sistemas de correspondências entre as marcas morfológicas propriamente linguísticas e os valores semântico-sintáticos aos quais elas remetem.

<sup>2</sup> *Valeurs modales et opérations énonciatives* (Culioli, 1990) e *Autres commentaires sur bien* (Culioli, 1990).

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

quanto à gramática (REZENDE, 2000, p.14). Parte-se da tese da indeterminação da linguagem (a linguagem é aqui entendida como um trabalho, um esforço), e a língua não é vista como um sistema totalmente distinto de seu utilizador e de suas condições de utilização. O sujeito é inserido no próprio âmago do sistema linguístico.

O trabalho dos sujeitos sobre a linguagem na produção e reconhecimento dos enunciados não deve ser ignorado, pois a construção da significação, *i.e.*, a própria linguagem, é sustentada pelas capacidades que todo indivíduo tem de representar, referenciar e regular, e são essas capacidades que vão lhe permitir construir e reconhecer formas por meio dos agenciamentos de marcas em sua língua.

A produção ou construção de formas tem início quando um sujeito marca linguisticamente suas representações por meio do léxico e da sintaxe de uma determinada língua em concordância com sua experiência individual. Já o reconhecimento ou interpretação de formas dá-se quando um sujeito depara-se com formas textuais, sejam elas orais ou escritas, e as investe de significado. O material (gráfico ou sonoro) que representa a interação externa não tem significado por si só, o sujeito é que deve investir este material de significação para falar e ouvir, ler e escrever.

Assim, não podemos conceber a exclusão do sujeito dos fatos de língua, mas sim sua inserção como participante ativo, já que as significações não são dadas totalmente prontas. Tanto na compreensão quanto na produção, é preciso reconstruí-las, o que não ocorre se nos contentamos com reduções classificatórias e ignoramos que a linguagem é indeterminada e ambígua, “que expressões e representações em línguas jamais estão definitivamente prontas e construídas, e que é o próprio momento de interação verbal que determina ou fecha certas significações para o sujeito, mas que simultaneamente abre e indetermina outras” (REZENDE, 2006, p.16).

Evidenciar a existência de características particulares a cada uma das marcas, considerando-se o contexto em que estão inseridas é fundamental em uma perspectiva dinâmica da língua, e impossível em uma perspectiva estática, que aborda as categorias gramaticais como entidades já construídas.

Vejamos de que forma as gramáticas tradicionais e dicionários, perspectivas estáticas da língua, abordam a marca *mesmo*, para em seguida, observarmos de que forma essa marca poderia ser abordada em uma perspectiva enunciativa, dinâmica.

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

## Mesmo nas gramáticas tradicionais

Pesquisamos o item *mesmo* em alguns dicionários e gramáticas tradicionais da língua portuguesa, com o intuito de observar a dificuldade de categorização dessa marca, que se caracteriza como um item polissêmico, devido a sua classificação em diversas categorias.

Analisando três dicionários e seis gramáticas tradicionais da língua portuguesa, encontramos sete classificações para *mesmo*, a saber: pronome demonstrativo, conjunção concessiva, adjetivo, advérbio, elemento dêitico, partícula denotadora de inclusão e substantivo.

Os dicionários e gramáticas tradicionais, como sabemos, apresentam uma trajetória classificatória. Assim, subdividem as significações atribuídas a uma palavra depois do apagamento dos ambientes contextuais em que ela aparece e das condições de enunciação que permitiram engendrar estas significações, ignorando o trabalho de linguagem realizado pelo sujeito. Desse modo, excluem de seus propósitos a linguagem e a fala, priorizando a língua e rejeitando a heterogeneidade e a variabilidade. Trabalham numa perspectiva estática da língua, partindo de uma análise do produto já estabilizado. Por esse motivo, nem sempre dão conta de recobrir os diversos usos que uma mesma marca pode apresentar, bem como não conseguem explicar as causas dessa variação.

## Mesmo do ponto de vista da enunciação

Partido da hipótese de que subjacente a toda marca linguística há mecanismos de invariância que sustentam seus diferentes usos, procuramos observar se essa hipótese se verificava com *mesmo*, utilizando-nos do aparato teórico-metodológico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas.

Primeiramente, procedemos à tentativa de classificação dos empregos da marca, trabalho não tão simples, dada a quantidade de categorias em que ela pode ser encontrada: substantivo, adjetivo, advérbio, conjunção concessiva, palavra denotadora inclusiva e dêitico. Isso nos rendeu 7 enunciados para a análise.

# Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Por meio da manipulação dos enunciados de nosso *corpus*, recorrendo à criação de glosas epilinguísticas<sup>3</sup>, e valendo-nos do sistema de representação metalinguístico proposto por Culioli, tentamos reconstruir as operações que geram, no português, a marca analisada. Acreditamos ter encontrado invariantes processuais que estabelecem e regulam a atividade de linguagem subjacente aos diversos comportamentos de *mesmo*, como tentaremos demonstrar mais adiante.

O uso do termo “invariante processual”, quando nos remetemos aos mecanismos de invariância subjacentes a todas as marcas linguísticas, é aparentemente paradoxal. Isso por que “invariante” indica algo que não se modifica, e “processual”, algo que apesar de ter uma constância, apresenta mudanças. A junção desses dois termos garante que trabalhemos com valores maleáveis, mas ao mesmo tempo estáveis, sem a rigidez inerente ao termo invariante. Com essa expressão, desejamos enfatizar os conceitos de deformabilidade e estabilidade que entram em jogo na atividade de linguagem.

A seguir, tomaremos um enunciado para ilustrar os mecanismos acionados pela marca em estudo. Antes, porém, cabe lembrar que na íntegra de nossas análises, nos remetemos a conceitos muito específicos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (como por exemplo, noção, domínio nocional, operações de varredura e flechagem, modalização, determinação, etc.). Assim, o conhecimento do sistema de representação metalinguístico seria primordial para a compreensão das análises. Esses conceitos, por uma questão espacial, não serão explicitados, mas apenas mencionados. De qualquer modo, tentaremos reconstruir nosso exemplo de modo que possa ser compreensível mesmo sem o conhecimento da teoria em questão. Vejamos o exemplo:

- 1) Maria foi à festa com a *mesma* roupa.

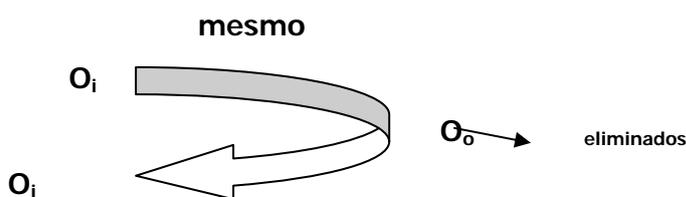
---

<sup>3</sup> Glosas epilinguísticas são as produções espontâneas que um falante produz quando comenta um texto precedente.

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Em relação ao enunciado 1, é preciso considerar um momento anterior (T0) ao momento da enunciação (T1). Maria usou uma roupa em T0 (1ª ocorrência da noção /roupa/ = roupa<sub>1</sub>). Em T1, ela usa novamente essa roupa (2ª ocorrência da noção /roupa/ = roupa<sub>2</sub>). Quando **mesmo** é utilizado, aciona uma operação de flechagem, isto é, uma ocorrência anterior (roupa<sub>1</sub>) é comparada a uma ocorrência posterior (roupa<sub>2</sub>). Isso gera uma curva de identificação: há uma tentativa de julgar essas duas ocorrências como sendo idênticas. No entanto, a simples menção de **mesmo** leva à consideração de outros valores possíveis: Maria poderia ter utilizado outras roupas, mas escolhe utilizar aquela que usou em T0. Isso pode ser representado pela figura abaixo<sup>4</sup>:



**Figura 1: Curva de identificação gerada por mesmo em 1**

Em outros termos, glosando o enunciado 1, é como se dissemos:

1a) Maria foi à festa com a **mesma** roupa e não com outras possíveis.

Outros valores são considerados, no entanto, são imediatamente eliminados. No retorno à ocorrência inicial (roupa<sub>1</sub>) ocorre um processo de identificação: roupa<sub>1</sub> identifica-se com roupa<sub>2</sub>.

Em resumo, a marca **mesmo**, ao ser utilizada, aciona o seguinte mecanismo: uma operação de flechagem, gerando uma curva de identificação, que pode levar à identificação ou diferenciação das ocorrências de uma noção. No retorno ao ponto de

---

<sup>4</sup> Na figura, leia-se O<sub>i</sub> ocorrência inicial e O<sub>o</sub> outras ocorrências

# Identities dinámicas: variação y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

que se partiu ( $O_i$  – ocorrência inicial), outras ocorrências ( $O_o$ ) são consideradas, podendo incluir-se no valor inicial ou ser eliminadas. Essas ocorrências, que são

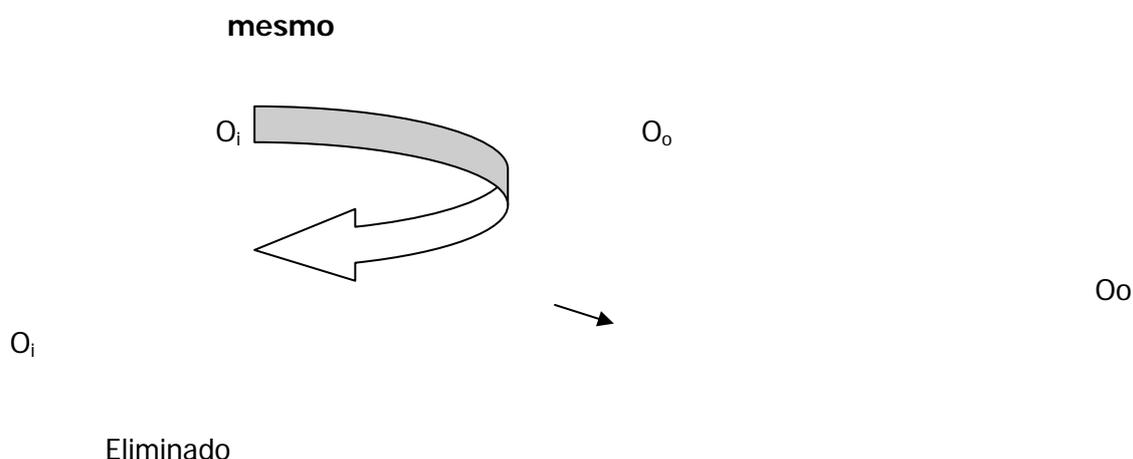
comparadas por meio de uma operação modal<sup>5</sup>, acabam movimentando-se no domínio nocional, organizando-o.

É importante ressaltar que no exemplo demonstrado acima, a operação de flechagem culminou em uma identificação entre as ocorrências da noção /roupa/. Em outros casos, pode haver uma diferenciação.

A negação do enunciado 1 seria um exemplo disso. Vejamos:

1b) Maria não foi à festa com a **mesma** roupa.

As ocorrências de /roupa/ em T0 e T1, apesar de serem comparadas, não são identificadas. Na verdade, Maria utiliza outra roupa (uma 3ª ocorrência = roupa<sub>3</sub>). A eliminação da ocorrência inicial e a estabilização de outra ocorrência decorrem da asserção negativa:



*Figura 2: Curva de identificação gerada por mesmo em 1b*

<sup>5</sup> Neste caso, a operação modal corresponde à apreciação avaliativa realizada pelo enunciador, que compara as duas ocorrências de /roupa/ e tenta identifica-las.

# Identities dinámicas: variación y cambio en el español de América

I Congreso de la Delegación Argentina de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL) y V Jornadas Internacionales de Filología Hispánica

Significa que *mesmo* continua desempenhando sua função: acionar a operação de flechagem e a curva de identificação. Os processos de identificação ou diferenciação se darão por conta de outros fatores, como por exemplo, a interferência de outras marcas.

Embora o estudo de apenas uma marca (neste caso, *mesmo*) pareça mínimo diante de tantas marcas existentes na língua, acreditamos que essa pequena contribuição possa se estender a outros fenômenos gramaticais, isto é, à luz dessa abordagem dinâmica outras questões gramaticais podem ser analisadas.

Esperamos, com esse pequeno exemplo, ter demonstrado o que direcionou toda nossa tese de doutoramento: uma perspectiva dinâmica que possibilita visualizar, na atividade de linguagem, os jogos de deformabilidade e estabilidade, de variância e invariância que a caracterizam.

Observar na variância de usos de *mesmo* um mecanismo de invariância que caracteriza essa marca, permitiu-nos entrever o próprio objeto da Linguística, tal qual Culioli o coloca: a articulação entre linguagem e línguas naturais, manifestada nos jogos de variância e invariância dos fenômenos linguísticos. A essa articulação entre variância e invariância, preferimos dar o nome de invariante processual, pois esses termos guardam os princípios de deformabilidade e estabilidade característicos da atividade de linguagem em sua relação com as línguas.

## Bibliografia

- CULIOLI, A. "À propos de mème". In: *Langue Française*. Paris: n. 133, fev. 2002. p.16-27.
- CULIOLI, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Ophrys, 1990.
- ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M; (Org.). *Linguagem e Línguas Naturais*. Diversidade Experiencial e Linguística. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.
- REZENDE, L. M. Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. (Tese de Livre-docência). Araraquara: 2000.